



**UNISUL**

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**QUÉSIA FARIAS BERTOTTI**

**ENTRE SEDAS E RENDAS:**  
**HISTÓRIA DO ESTILISTA EVERTON MORAES**

Tubarão

2017

**QUÉSIA FARIAS BERTOTTI**

**ENTRE SEDAS E RENDAS:  
HISTÓRIA DO ESTILISTA EVERTON MORAES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de tecnólogo em Moda e Design.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Darlete Cardoso, Msc.

Tubarão  
2017

QUÉSIA FARIAS BERTOTTI

**ENTRE SEDAS E RENDAS:  
HISTÓRIA DO ESTILISTA EVERTON MORAES**

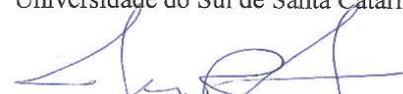
Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do grau de tecnólogo em Design de Moda e aprovada em sua forma final, com média 8,0, pelo Curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 12 de dezembro de 2017.

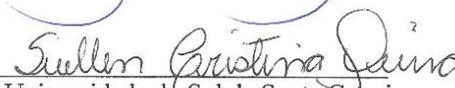
Prof. Darlete Cardoso (orientadora)

  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Teresinha Silveira (convidada)

  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Suellen Cristina Vieira (convidada)

  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Ao meu esposo, Alexandre, por ter estado ao meu lado em todos os momentos nesses últimos três anos. Aos meus filhos, por me compreenderem, quando não dou toda minha atenção para eles. A vocês, meu amor incondicional.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo seu grande amor que tem a mim.

Aos meus pais, por sempre me cobrirem em oração e serem meus maiores exemplos em tudo o que fazem. Obrigada pelos conselhos que sempre me deram em seus ensinamentos. Nunca me esquecerei de cada palavra. Obrigada pelo amor que vocês têm por mim, por meu esposo e meus filhos.

Ao meu esposo, pela paciência, pela força nos meus dias maus, nos quais sempre estive ao meu lado, sendo sempre o meu amor, meu amigo e companheiro de todas as horas. Sempre acreditou em meu talento, incentivando-me em tudo o que eu faço, deixando muitas vezes de fazer ou adquirir algo para investir nos meus estudos. Obrigada por tudo.

Ao meu amigo, Yuri, colega de classe, que muitas vezes me auxiliou nos meus trabalhos e me incentivou a nunca desistir.

À minha sobrinha, Grazielly, que não mediu esforços em parar com suas prioridades para me auxiliar em meu trabalho, me corrigindo em algumas falhas. Eu a amo demais.

À minha professora Darlete, que disse para mim “Você consegue!”, quando eu achava que não conseguiria.

Ao estilista Everton Moraes (*in memoriam*), a ter me inspirado a ser uma estilista, o qual via em mim um grande potencial no mundo da moda.

A todos os entrevistados, em especial à família de Everton, pelo tempo que dispuseram para auxiliar na pesquisa.

A todos que acreditaram, quando muitas vezes nem eu mesma acreditava que eu conseguiria concluir uma faculdade, e hoje estou aqui, fechando mais um ciclo da minha vida.

Muito obrigada, de todo coração.

Para ser insubstituível, você precisa ser diferente. (Coco Chanel)

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo geral levantar a história de vida profissional do estilista Everton Moraes e como objetivo específico verificar se o estilista estudou para aprender a arte ou nasceu com o talento. Para dar base a essa pesquisa, foram realizadas entrevistas com familiares, ex-funcionários e amigos do estilista, bem como pesquisa bibliográfica. O método de pesquisa é o qualitativo descritivo, utilizando as técnicas de história de vida e a técnica de entrevista. Através das entrevistas realizadas, conclui-se que Everton nasceu com o talento para o estilismo, tendo em vista que desde pequeno ele já fazia seus croquis, sem que ninguém houvesse o ensinado. Além disso, o estilista se especializou somente através de cursos básicos, nunca tendo cursado uma faculdade de Moda.

Palavras-chave: Moda. Talento. Estilismo. História.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Everton Moraes .....	11
Imagem 2 – A infância de Everton .....	12
Imagem 3 – Primeiro registro na Carteira de Trabalho.....	14
Imagem 4 – Certificado do Curso de Estilista de Moda - Senac.....	14
Imagem 5 – Croqui de roupa masculina .....	17
Imagem 6 – Um de seus desfiles, 2015 .....	19
Imagem 7 – A valsa .....	21
Imagem 8 – Desenho artístico de Everton Moraes .....	22
Imagem 9 – Valentino Garavani .....	23
Imagem 10 – Vestido vermelho confeccionado por Everton Moraes.....	24
Imagem 11 – Dior New Look .....	25
Imagem 12 – Everton e sua mãe Maria Salete Moraes .....	27
Imagem 13 – Everton e sua irmã Gilvania .....	27
Imagem 14 – Gilvete e Everton .....	29
Imagem 15 – Everton e suas costureiras .....	30
Imagem 16 – Everton Moraes e Arlan Alves .....	32
Imagem 17 – Everton e Neide Bini.....	33
Imagem 18 – Vestido curto para o casamento de Thaise .....	36
Imagem 19 – Everton e a família de Thaise .....	36
Imagem 20 – Casa Azul .....	40
Imagem 21 – Ateliê Everton Moraes: Sala de atendimento .....	40
Imagem 22 – Ateliê Everton Moraes: Sala de corte, costura e bordado .....	41
Imagem 23 – Everton Moraes com seus vestidos de noiva .....	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DO ESTILISTA EVERTON MORAES.....</b>	<b>11</b>
2.1	A INFÂNCIA.....	11
2.2	O TRABALHO E O ESTUDO.....	14
2.3	O TALENTO .....	16
2.4	DOS CLIENTES, CRIAÇÕES E DESFILES .....	19
2.5	DAS INSPIRAÇÕES NO MUNDO DA MODA.....	22
2.6	DA VIDA PESSOAL, DA FAMÍLIA E DAS AMIZADES .....	26
2.6.1	Maria Salete Moraes .....	26
2.6.2	Gilvania Moraes .....	27
2.6.3	Gilvete Moraes.....	29
2.6.4	Bernardina de Medeiros Zamparetti.....	30
2.6.5	Arlan Bittencourt Alves .....	31
2.6.6	Neide Bini .....	32
2.6.7	Adriano Stockler .....	34
2.6.8	Teresinha Antunes de Souza .....	35
2.6.9	Thaise da Cunha de Sousa Schneider.....	35
2.7	A HOMOSSEXUALIDADE .....	37
2.8	OS SONHOS .....	39
2.9	O FIM.....	41
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema *Entre sedas e rendas, a história do estilista Everton Moraes*. Para dar base a essa pesquisa, foram realizadas entrevistas com familiares, ex-funcionários e amigos do estilista, bem como pesquisa bibliográfica.

O ateliê do Everton Moraes encontrava-se localizado no Centro de Tubarão/Santa Catarina, chamado “Casa Azul”, como todos conheciam. O mesmo trabalhava com seis costureiras, quatro bordadeiras, possuía seis máquinas retas e duas *overlocks*. O estilista trabalhava com tecidos do tipo: chifon, crepe, musseline, rendas, entre outros tecidos finos. Palomo-Lovinkki (2010) destaca que existe um grande número dos mais variados estilistas em cada país, muitos deles foram inovadores de estilos criando uma marca pessoal de identidade de gênero.

Os tecidos usados pelo estilista eram comprados em lojas na mesma cidade, ou clientes traziam de fora, quando buscavam algo diferenciado. Tratava-se de um ambiente agradável de trabalhar, onde todos tinham prazer de fazer tudo aquilo o que ele pedia.

O processo criativo era de vestidos de noiva, vestidos de festa, madrinhas, debutantes, bordados exclusivos, com um público de todas as idades. Entretanto, o processo criativo foi interrompido com seu falecimento em 26 de junho de 2016, aos 43 anos de idade.

O presente trabalho tem como objetivo geral levantar a história de vida profissional do estilista Everton Moraes e como objetivo específico verificar se o estilista estudou para aprender a arte ou nasceu com o talento. A importância e relevância da pesquisa deve-se em razão de o estilista ter inspirado a pesquisadora em ser uma estilista e ter iniciado a faculdade de moda, para seguir seus passos, com seu próprio ateliê de costura.

O método de abordagem que se aplicará na pesquisa é o qualitativo descritivo, utilizando as técnicas de história de vida e de entrevistas gravadas com familiares, ex-funcionários e amigos, sendo este o número de nove entrevistados. O tipo de pesquisa é estudo de caso do estilista Everton Moraes.

Este trabalho encontra-se estruturado no presente capítulo de introdução, no segundo capítulo, onde é abordada a história do estilista Everton Moraes, sua infância, trabalho, estudo, uma análise do seu talento, seus clientes, criações e desfiles, suas inspirações no mundo da moda, como também são abordadas sua vida pessoal, trazendo o tema da sua sexualidade, seus sonhos e, por fim, sua morte. Por último, a conclusão e referências.

## 2 A HISTÓRIA DO ESTILISTA EVERTON MORAES

O presente trabalho monográfico apresenta a história de vida do estilista tubaronense Everton Moraes, que nasceu em Grão Pará, Santa Catarina, no dia 8 de setembro de 1971, filho de Jairo Alberton Moraes e Maria Salete Moraes.

Imagem 1 - Everton Moraes



Fonte: Carlos Alves/Divulgação/Notisul, 2015

### 2.1 A INFÂNCIA

Conforme relatos da mãe, Maria Salete Moraes, e do padrasto Romeu, Everton era uma criança muito educada, estudiosa, inteligente e, ainda, amorosa com a família.

Imagem 2 – A infância de Everton



Fonte: Gilvete Moraes, arquivo pessoal, 2017

Segundo a mãe, com 8 (oito) anos de idade, no ano de 1979, o menino já demonstrava seu interesse em trabalhar. Nessa idade, foi pego escondido em seu quarto desenhando croquis de moda, pois temia que a família não aceitasse seu gosto pela moda, que desejava seguir profissionalmente, por se tratar de uma profissão dita feminina. A partir disso, Everton começou a ajudar a mãe a costurar, percebendo desde então que essa seria a carreira da sua vida.

Seu interesse pela moda teve início na infância, portanto, através de sua mãe, que era costureira juntamente com uma amiga, em sua própria residência. Na época, a mesma ganhou uma máquina de costura do pai. Everton via sua mãe colhendo marsala e palha de milho para confeccionar colchões e travesseiros, costurando capas para ambos.

A irmã de Everton Moraes, Gilvania, 5 (cinco) anos mais velha, relata que após a mãe ter se separado do pai, casou-se novamente e deixou os filhos com a avó. Nessa época, Everton tinha 2 (dois) anos, Gilvania 7 (sete) e a irmã do meio, Gilvete, com 6 (seis).

Gilvete conta que lembra quando a mãe chegou com o irmãozinho do hospital, no dia de seu nascimento. Sobre a infância, lembra que moravam em um sítio, em uma casa muito humilde, que ficava aos pés da serra, na cidade de Grão Pará. Seu pai era motorista de ônibus e, por esse motivo, era muito ausente. Quando Everton ainda era muito pequeno, o pai abandonou a família e, dias depois, a mãe também, deixando os três filhos com os avós maternos, os quais sempre cuidaram deles como se filhos fossem.

Desde muito cedo, o avô de Everton o colocou para trabalhar na roça, cortando cana, auxiliando no abatimento de gado. Enquanto a avó dava bastante carinho e suas irmãs cuidavam de Everton, o avô era muito rígido.

A irmã Gilvania conta que sempre cuidou de Everton enquanto bebê e que possuía uma ligação com ele, como se fosse sua metade. Não sabia explicar essa ligação. Desde criança, aos 3 a 4 anos, quando já conseguia ter coordenação motora, ele já escrevia e desenhava, e já demonstrava que iria ser talentoso, segundo ela. Nesse período, sua avó tinha fogão à lenha e Everton pegava carvão e utilizava qualquer papel a seu alcance para rabiscar uma bonequinha, com o corpinho de triângulo. Esse foi o começo de tudo.

Ainda nessa época, ela declara que eles pegavam as bonecas de Gilvania, um tecido que houvesse pela casa e confeccionavam vestidos com as agulhas da avó. Gilvania afirma que brincava com os carrinhos de Everton, e ele, por sua vez, brincava com as bonecas da irmã.

De acordo com a irmã, Everton sempre foi muito quieto e reservado, e não era de chamar a atenção. Ele foi uma criança muito amada, e segundo a irmã, era a criança mais linda que ela já viu. Gilvania afirma que sempre o protegeu de tudo a sua volta.

Os irmãos ficaram com os avós até Everton completar 7 (sete) anos, quando Gilvania foi morar com uma professora para estudar e ele foi morar com a mãe. Nessa época, a mãe estava casada com outro homem, buscando o filho para morar com eles. Everton foi então afastado de suas irmãs, sendo que Gilvania foi morar com uma outra família e, algum tempo depois, Gilvete também foi morar com outra família.

Aos 8 (oito) anos foi quando a mãe e o padrasto pegaram Everton desenhando escondido, realizando croquis e fazendo vestidos, coisa que a irmã já o acobertava desde os seus 4 (quatro) anos. Ela era sua confidente, pois na época a família afirmava que esse hábito era coisa de menina, alegando que meninos deveriam jogar bola e brincar de carrinho.

A partir de 1978, Everton ficou sem sua irmã por perto para o acobertar, e ficaram um tempo sem se verem, pois moravam distantes um do outro.

Gilvania cresceu, casou-se, e Everton, bem novo, aos 12 (doze) anos, começou a trabalhar como frentista em um posto de gasolina, para ajudar em casa. Nessa época, eles tinham pouco contato, e isso era muito difícil para eles, pois eram muito apegados. Ela morava no interior e ele em Curitiba, onde trabalhava durante o dia e fazia seus cursos de moda durante a noite.

## 2.2 O TRABALHO E O ESTUDO

Diante do seu interesse em trabalhar desde muito cedo, a mãe Maria Salete conta que Everton tirou sua Carteira de Trabalho aos 12 (doze) anos, no dia 23 de março de 1982, iniciando sua carreira como frentista em um posto de gasolina, não registrado, com o intuito de ajudar a família financeiramente. Entretanto, nunca deixou de fazer seus desenhos artísticos de moda.

Segundo relato da mãe, o primeiro registro na Carteira de Trabalho foi no ano de 1987, quando, aos 17 (dezesete) anos, trabalhou como auxiliar de produção e torneiro mecânico na empresa Mager Indústria Metalúrgica Ltda, na cidade de São José dos Pinhais, no Paraná. Durante o dia, Everton trabalhava na referida empresa, sendo que a noite realizava o primeiro curso de Estilista de Moda, no Senac, na cidade de Curitiba, Paraná.

Imagem 3 – Primeiro registro na Carteira de Trabalho



Fonte: Quésia Farias Bertotti. 2017

Imagem 4 – Certificado do Curso de Estilista de Moda - Senac



Fonte: Quésia Farias Bertotti.2017

Ela conta ainda que nos anos de 1988 a 1990, começou a trabalhar como Estilista de Moda, na cidade de Curitiba, Paraná, durante o dia, continuando seus estudos na parte da noite, no curso de Desenho Artístico e Desenho de Moda, no Senac. Everton demonstrava ser um aluno excepcional, tendo somente notas máximas nos seus trabalhos.

Foi no curso do Senac, de acordo com o amigo e colunista Arlan Alves, onde aprendeu sobre a alta costura e realizou seus cursos de desenho, costura e bordados, e trabalhou com grandes estilistas

Nesse mesmo ano, o estilista começou a desenhar e confeccionar suas próprias roupas, sendo a época nos anos 1990, conhecida pelas calças de boca de sino. A mãe Maria Salete cita que, entre 1991 a 1993, Everton estagiou com um estilista renomado em Curitiba, de nome Willian.

Foi no ano de 1993, aos 21 (vinte e um) anos, segundo a mãe, que Everton se mudou com a família para Tubarão, onde sua mãe abriu uma loja de vestidos de festa. Na cidade azul, ele começou a trabalhar como estilista, posteriormente modelista e, ainda, vendedor de moda, até o ano de 2008.

Albertina, mais conhecida como Dinha, costureira de Everton, conta que foi a partir de 1994 que começou a trabalhar nas Casas Nandi, como estilista. Nesse trabalho ele só desenhava e cortava. Ela diz que era um ótimo vendedor e desenhava para as clientes da loja.

No que diz respeito à habilidade de desenhar, Gragnato (2008, p. 26) descreve:

A habilidade de desenhar é de grande importância para o profissional de moda, especialmente àquele que trabalha com o produto, seja na criação, seja no desenvolvimento de peças do vestuário, acessórios ou joalheria. O desenho auxilia a compreender o processo de criação, estruturação e viabilidade de confecção da peça.

Naquele mesmo ano, 1994, Dinha e a irmã Isabel, montaram um ateliê de costura em sua residência, e o Everton cortava os tecidos na loja e dava para elas montarem as peças no ateliê.

Quando saiu da loja em que trabalhava, Casas Nandi, Everton abriu seu próprio ateliê, convidando Dinha para trabalhar com ele, entretanto ela não aceitou o convite, optando por continuar com sua irmã. Ele, então, contratou outras costureiras para seu ateliê.

Conforme relato de sua mãe, no ano de 2004, Everton abriu seu próprio ateliê de costura, conciliando com seu emprego de estilista. A partir do ano de 2008, ele montou sua equipe de costureiras e bordadeiras, dedicando-se integralmente ao seu próprio ateliê.

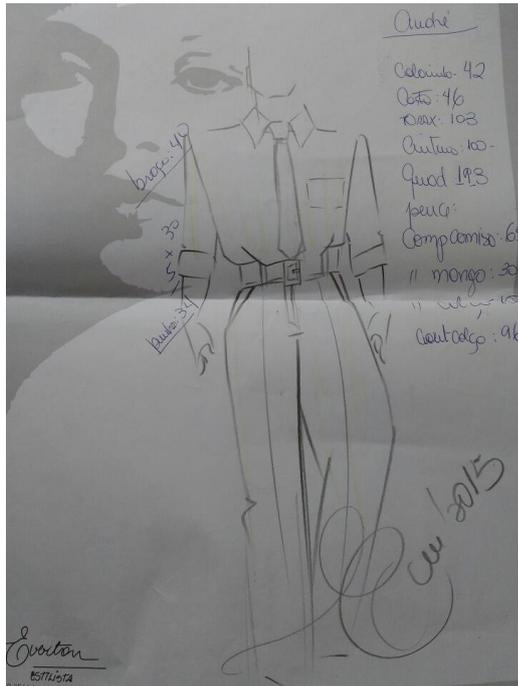
A costureira Teresinha Antunes de Souza, outra entrevistada, que trabalhou com Everton por 18 anos, foi a que ficou mais tempo com o estilista. Ela conta que ele comprava os melhores tecidos para melhor fazer seu trabalho e assim agradar suas clientes. Essas nunca reclamavam dos preços, pois sabiam que era muito profissional seu trabalho e a qualidade que ele oferecia. Teresinha lembra que nos anos 90 ele já começou com tudo, tendo 6 (seis) costureiras. Trabalhavam com máquinas bem simples, domésticas, e com o tempo ele ia trocando uma a uma por melhores.

### 2.3 O TALENTO

Em sentido literal, talento é uma aptidão natural ou adquirida. Talento se trata de uma habilidade que pode ser desenvolvida ou aperfeiçoada. Refere-se a um gosto especial, uma aptidão, uma predisposição espontânea para algo, que atinge sua plenitude por meio de muito treino, disciplina e perseverança (MARQUES, 2017).

Segundo a mãe, Maria Salete, com 8 (oito) anos de idade, no ano de 1979, o menino já demonstrava seu interesse em trabalhar. Nessa idade, foi pego escondido em seu quarto desenhando croquis de moda, pois temia que a família não aceitasse seu gosto pela moda, que desejava seguir profissionalmente, por se tratar de uma profissão dita feminina. A partir disso, Everton começou a ajudar sua mãe a costurar, percebendo desde então que essa seria a carreira da sua vida.

Imagem 5 – Croqui de roupa masculina



Fonte: Quésia Farias Bertotti.2017

Seu interesse pela moda teve início na infância, portanto, através de sua mãe, a qual era costureira juntamente com uma amiga, em sua própria residência. Na época, a mesma ganhou uma máquina de costura de seu pai. Everton via sua mãe colhendo marsala e palha de milho, para confeccionar colchões e travesseiros, costurando capas para ambos.

Nos anos 90, segundo a irmã Gilvania, Everton fazia muitos cursos de bordado, mesmo já sabendo. Ele sempre buscava mais conhecimento, para fazer o melhor, segundo a irmã. O estilista conseguia conciliar o seu trabalho como empregado em uma loja e no seu próprio ateliê.

A irmã de Everton, Gilvete, afirma que ele começou sozinho e que era autodidata. Ainda, conforme Gilvania, ele nunca precisava de moldes para cortar os vestidos, mas simplesmente tirava as medidas e ia direto para os tecidos riscar e cortar.

Everton disse à irmã Gilvania que iria ensiná-la tudo o que sabia sobre bordado. Ele possuía um lema: *faça, aprenda!* Dessa forma, ele começava e ela tinha que terminar. Assim a irmã começou a bordar com ele. Everton pegava um pedaço de tecido, desenhava arabescos, e mandava a irmã bordar por cima. No ano de 1995 ela já bordava muitos vestidos, criações do irmão.

Sobre a história do bordado, Houdelier (2017) descreve que sua origem é essencialmente estética e não utilitária, diferente dos demais artesanatos têxteis. O autor define que:

[...] bordado é a arte de ornamentar os tecidos com fios diferentes, formando desenhos. Esse trabalho executa-se à mão ou à máquina, com agulhas de várias grossuras e feitios, inclusive as de gancho ou crochê. Os fios empregados para bordar podem ser os mais variados: de algodão, seda, linho, ráfia, ouro e prata, e ainda de fibra sintética, náilon, acrílico e celofane. O bordado, além dos fios, complementa-se com outros elementos que vão de materiais preciosos, como ouro, prata, pérolas, pedras preciosas, lantejoulas e canutilhos, até os mais rústicos, como sementes, conchinhas, palha, contas de vidro ou de madeira etc. O bordado pode ser plano ou em relevo, que por vezes o torna semelhante a uma escultura.

Ainda segundo Houdelier (2017), o bordado é uma das artes mais antigas, tendo sido descoberta, provavelmente logo após a criação da agulha. Eram, a princípio, feitos em tecidos perecíveis não duravam muito tempo, diferente da atualidade.

O amigo e colunista social Arlan Alves considera que o estilista era autodidata e que nunca fez faculdade, aprendendo com a vida e com alguns estilistas na cidade de Curitiba. Segundo ele, Everton realizou apenas alguns cursos de moda e com isso começou também a dar aula no Senac de Curitiba. Uma curiosidade que ele relata, é que em Curitiba Everton utilizava o pseudônimo de Dom Moraes, quando se referia como estilista.

Bernardina de Medeiros Zamparetti afirma ainda que Everton era ótimo no desenho, não sendo muito bom com a costura. Entretanto sabia como ensinar a costurar.

O estilista, segundo Putti (2017), atua na criação de moda, elaboração e desenvolvimento de coleções, estamparias e acessórios competitivos para diversos segmentos do mercado. Tem como objetivo apresentar a moda como algo além do consumo, ou seja, que tenha atitude, identidade e comportamento. Referente ao que faz o estilista, Putti (2017) descreve:

Cria, desenha, planeja e desenvolve roupas e acessórios. Busca atingir um consumidor, atendendo a uma necessidade, uma vontade, despertando desejo e considerando as possibilidades de aquisição desse público-alvo. É fundamental que tenha conhecimento do público para o qual vai desenhar produtos, o que faz com que seu trabalho possa ser valorizado e consumido.

Dessa forma, conclui-se que um estilista não precisa necessariamente saber costurar, mas estar atento à etapa criativa. Para a autora, o responsável pela materialização dessa criação é o modelista (PUTTI, 2017). Assim sendo, pode-se dizer, a partir dos depoimentos dos entrevistados, que Everton era um estilista.

Dinha, como é conhecida a costureira Bernardina, relata que se achava uma ótima costureira até começar a trabalhar com ele e perceber que tinha muito a aprender, diante do seu profissionalismo e talento.

A costureira Teresinha Antunes de Souza, a Nena, conta que não gostava de fazer vestido de festa, mas ele a fez gostar. Everton foi quem a ensinou, porque ela só fazia roupas, como camisa e calça. Nena o admirava muito pelo talento que ele tinha, por não ter feito uma faculdade e ter nascido com ele.

## 2.4 DOS CLIENTES, CRIAÇÕES E DESFILES

A costureira Bernardina, a Dinha, relata que nos anos 90 Everton lançou capas de grande estilo costuradas por elas, para ele mesmo usar. Até mesmo as roupas de dormir eram criadas por ele, e costuradas pelas irmãs. Segundo ela, o estilista nunca quis coisas normais, sempre inventando coisas doidas e diferentes, para demonstrar ser um grande estilista.

Nessa mesma época, segundo o amigo Arlan Alves, Everton trabalhava em um ateliê com uma modista conhecida como Dona Cassilda, período em que fez um importante desfile beneficente, em parceria com o estilista Adriano Stocler, no Clube Cidade Luz, na cidade de Tubarão. No desfile, Everton entrou com uma capa, que na época era sua marca registrada.

Os desfiles de moda tiveram início no século XX, conforme descrito por Moura (2017):

Ao raiar do século XX, o costureiro francês Paul Poiret teve uma ideia que à primeira parecia não fazer sentido nenhum: em vez de pôr senhoras com a estatura física das suas clientes a desfilar à frente delas para que estas escolhessem o que comprar, pagou a manequins norte-americanas altas, atléticas e nos caminhos da emancipação para o fazer. As modelos não tinham nada a ver com a sua clientela, que se sentiu indignada, mas ao mesmo tempo toda a roupa parecia mais apetecível, ao ponto de se tornar símbolo de uma mulher moderna. Depois da onda de contestação, as clientes acabaram por aceitar a estratégia e, mais do que isso, começaram a desejar aquela roupa como quem deseja sempre tornar o seu eu melhor, mais atraente, eventualmente outro. Que golpe baixo, senhor Poiret.

Os desfiles de moda, além de ter como objetivo a venda das roupas, atualmente guardam um significado maior. É o que descreve Feijó (2016):

Hoje, o mais importante num desfile é apresentar o conceito, a mensagem por trás da coleção – essa sim feita de peças de verdade. “Os desfiles são condutores da imaginação, criando vínculos entre o sonho e a realidade”, explica Wanda Maleronka, professora da faculdade de moda Anhembi-Morumbi, em São Paulo. Nesse sentido, o

que eles querem é despertar nas pessoas o desejo por aquela marca e tudo o que ela oferecer.

Imagem 6, Um de seus desfiles, 2015



Fonte: Arlan Alves – arquivo pessoal 2015

No ano de 1993, ocorreu na cidade um café-jantar beneficente no Clube Cidade Luz, para aproximadamente 600 (seiscentas) mulheres, quando o estilista Adriano Stockler foi convidado para fazer um desfile. Segundo ele, como não possuía experiência com desfiles, Everton Moraes se ofereceu para ajudá-lo, aceitando em razão de Everton ser muito amigo da presidente do clube. A partir desse dia, começaram a fazer esse desfile juntos.

Everton ajudou Adriano a encontrar as modelos certas, ensaiá-las, e ainda trouxe duas modelos, amigas suas, para desfilarem. Nesse evento, todos os desfiles eram de Adriano.

O desfile, segundo Adriano Stockler, foi muito lindo, com muitos aplausos e elogios, e ao final, quando o estilista teria que entrar na passarela com as modelos, nesse caso, Adriano, ele reconheceu que Everton o ajudou muito e o chamou para que entrasse na passarela com ele, e assim, entraram os dois de mãos dadas, emocionando a muitas pessoas naquele lugar.

Arlan Alves relata que o estilista reclamava a falta de procura das pessoas da cidade pelo seu trabalho, as quais preferiam procurar em Florianópolis, e não prestigiavam o estilista de sua própria cidade. Os clientes que o procuravam eram moradores das cidades de Grão-Pará,

Orleans, Morro da Fumaça, Braço do Norte, Criciúma. Dentre esses clientes, muitos eram de grandes famílias nobres.

Everton comentava com o amigo Arlan que, muitas vezes, preferia fazer as roupas para pessoas simples, pois não havia reclamação por parte delas, o que não acontecia com as clientes mais ricas, que reclamavam do preço, não prestigiavam seu trabalho, e acabavam por fazer suas roupas em outro lugar.

O colunista Arlan conta que Everton tinha muito orgulho de ter vestido a família Agostinely, proprietários do Hotel Termas de Gravatal, desde os anos 90, em festas de 15 anos, casamentos, e outras festas da família.

Além disto, ele também se orgulhava por ter vestido a dona Maria Alice Reis, empresária de Tubarão, em seu aniversário de 80 (oitenta) anos, onde esteve presente o famoso cantor Aguinaldo Timóteo. Nessa ocasião, Everton vestiu toda a família com seus vestidos sob medida, segundo Arlan Alves.

Neide Bini, amiga do estilista, lembra que Everton adorava dançar valsa com as clientes, para demonstrar o balanço do vestido. Ele era um profissional que se dedicava completamente ao seu trabalho. A amiga lembra que Everton sempre estava com a fita métrica no pescoço.

Imagem 7 – A valsa



Fonte: Nei Junior – arquivo pessoal, 2016

Seu diferencial, segundo Neide, era que a cliente saia pronta de seu ateliê, com joias, coroa, sapato, e ele não cobrava pelos acessórios. Ela o ajudava, pois ele afirmava que um brinco errado poderia acabar com a peça. Além disso, dava sugestões de penteados e era

muito cuidadoso, até mesmo pedia para as clientes irem com os cabelos escovados, para dar ideias de combinações. Nesse sentido, Alário (2007, p. 69) explica que “cabe ao estilista a função de colaborar com o seu consumidor, para que o mesmo possa produzir um look, ter um estilo, uma ideia que passou a ser mais importante do que estar na Moda”. Assim era com Everton, que pensava em todos os detalhes, não apenas na roupa.

A irmã Gilvete considera que seu talento nunca será esquecido por suas clientes e que elas sentem muita falta dele. Afirma que se alguém continuasse o trabalho de Everton com seus croquis, todos os clientes voltariam, do tanto que o admiravam.

## 2.5 DAS INSPIRAÇÕES NO MUNDO DA MODA

O estilista sempre conversava com seu amigo Arlan sobre moda e suas inspirações, como Dolce & Gabbana, Valentino e Versace. Ele gostava também de assistir às novelas da Globo, para saber o que estava em alta no mundo da moda. Além desses influenciadores, Everton possuía uma grande admiração pelo estilista Galdino Lenzi, de Florianópolis, com o qual mantinha contato constante.

Hahn (2010) relata sobre a vida de José Galdino Lenzi, nascido em Santa Catarina, que aprendeu o ofício de alfaiate com um tio materno.

Logo se mudou para a cidade de Blumenau e em seguida para São Paulo, onde se aperfeiçoou na arte da costura. Já em 1950 se estabelece em Florianópolis e começa a desenvolver seu trabalho como costureiro. O auge do seu sucesso foi a partir dos anos 60 onde viu seu nome se destacar nos principais jornais do estado de Santa Catarina. Lenzi era considerado um dos costureiros mais aclamados pelas damas da sociedade. Era uma excelência em vestidos para festas.

O estilista Adriano Stockler, que trabalhou em Tubarão na mesma época de Everton, relata que se inspirava também em Galdino Lenzi, assim como no estilista Gesoni Pawlick. Lenzi também era inspiração de Everton. Entretanto, Adriano gostava muito dos desenhos artísticos de Everton, dizendo que eram muito bons.

Imagem 8 – Desenho artístico Everton Moraes



Fonte: Arquivo pessoal da família de Everton Moraes 2016

Valentino é um dos influenciadores de moda mais respeitado e conceituado da história da moda, suas coleções são reverenciadas no mundo todo por sua extrema qualidade e esbanjam luxo. As grandes paixões de Valentino são as cores vermelhas e as estampas animais, pois seus desfiles de alta costura sempre possuem pelo menos uma peça de roupa com essas características. Morris (2000) chega a afirmar que a cor vermelha é a marca pessoal e identidade de Valentino em suas criações.

Imagem 9 – Valentino Garavani

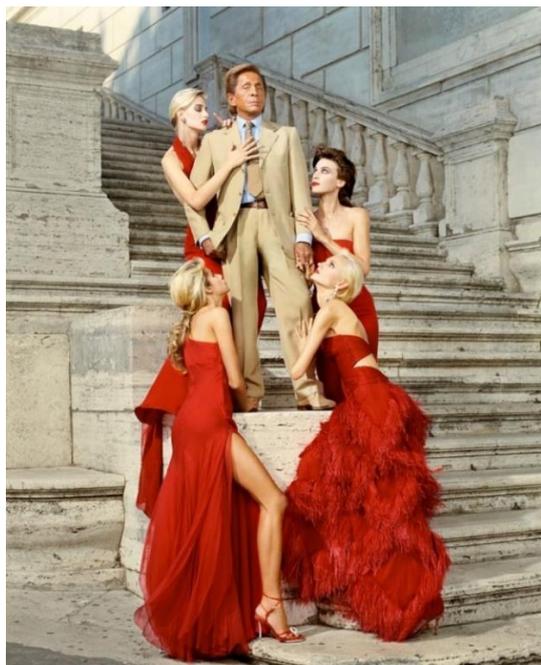


Foto: Morris, 2000.

Do mesmo modo que Valentino, o estilista Everton Moraes amava a cor vermelha e recriou centenas de vezes em suas inúmeras coleções, e, assim como Valentino, o estilista sempre mostrou muito apreço e cuidado com o acabamento dos vestidos.

Imagem 10 – Vestido vermelho confeccionado por Everton Moraes



Fonte: Geovani Mattei, 2016

Outra inspiração de Everton foi Gianni Versace, um estilista muito conceituado nos anos 70 e 80. Conforme Martin (1999), audácia era a palavra-chave das coleções de Versace, que sempre buscou aflorar a sexualidade de suas modelos. A marca Versace vestiu e continua vestindo celebridades ao redor do globo mundial e pessoas influentes como princesas e socialites. Seguindo essa inspiração, Everton tinha muita audácia em suas criações, sempre inovando e estando um passo a frente da moda, com suas criações extravagantes.

Stefano Gabanna e Domenico Dolce são estilistas italianos que trabalham atualmente com uma das marcas de moda que apresentam uma das maiores qualidades de tecidos e mão de obra, pois são todas confeccionadas a mão na Itália, seu preço altíssimo atrai celebridades e socialites do mundo todo, suas cores favoritas são o preto e branco notando-se em muitas coleções (SOZZANI, 1999). Everton, nesse sentido, não abria mão da qualidade dos seus tecidos e acabamentos. Dessa forma, as clientes não se preocupavam com valores, pois sabiam que iriam ficar satisfeitas com o trabalho.

Os anos 1990 foram uma explosão de sucesso para a dupla dinâmica Dolce e Gabanna, que cresceu e expandiu sua marca a nível internacional e se tornou objeto de consumo para mulheres de todas as idades (SOZZANI, 1999). Assim como a dupla de estilistas italianos, Everton abriu seu ateliê no mesmo período e teve muito sucesso e notoriedade nessa época, como um estilista em ascensão que acabara de ser descoberto.

Além dessas inspirações, Everton também se inspirava em Dior e Yves Saint Laurent. Christian Dior nasce em 1905 em Granville no canal da Mancha. Sua excelência nos tecidos o elevou a qualidade de melhor amigo das socialites francesas que aderiram o estilo glamoroso e luxuoso do estilista (POCHNA, 2000). Everton Moraes, assim como Dior, sempre buscou a excelência nos tecidos para seus vestidos e croquis, resultando em se tornar o queridinho das socialites tubaronenses.

O estilista se inspirou no *New Look*, criado por Dior, que caracterizou as mulheres do pós-guerra e incentivou-as a voltarem a usar as saias longas que tinham sido quase extintas pela então estilista mais famosa da época Coco Chanel (POCHNA, 2000).

Imagem 11 – Dior New Look



Fonte: Pochna, 2000.

No que diz respeito a Yves Saint Laurent, ele teve um começo conturbado, porém se destacou no mundo da moda e da alta costura por suas constantes inovações tecnológicas, nunca vista antes. Iniciou sua carreira muito novo, aos 21 anos, no ateliê de Christian Dior, que foi seu mestre e tutor na arte do corte e costura (BERGÉ, 1999).

Assim como Yves, o estilista Everton Moraes também teve um começo muito conturbado, pois, por ser homossexual, sua família teve problemas de aceitação no início de sua carreira. Mas assim como Saint Laurent, resguardadas as proporções, Everton se destacou no mundo da moda da cidade de Tubarão, se tornando referência na região por ter uma clientela de altíssimo nível como socialites e primeiras damas.

## 2.6 DA VIDA PESSOAL, DA FAMÍLIA E DAS AMIZADES

### 2.6.1 Maria Salete Moraes

Conforme relato da mãe, Maria Salete Moraes, Everton era uma pessoa simples, que não media esforços em ajudar as pessoas, tanto familiares quanto desconhecidos que

necessitavam de sua ajuda. Por esse motivo, nunca teve seu foco em acumular bens materiais, dispondo de tudo que era seu pelo bem dos que estavam a sua volta.

Imagem 12 – Everton e sua mãe Maria Salete Moraes



Fonte: Facebook do Everton Moraes.2017

### 2.6.2 Gilvania Moraes

Gilvania, irmã mais velha de Everton, comenta que nos anos 90, Everton retorna a Tubarão com sua mãe e seu padrasto. Nesse período, Gilvania já possuía dois filhos e estava separada de seu marido. O irmão, sabendo que ela precisava de ajuda, conseguiu entrar em contato com ela, chamando-a para trabalhar com ele na cidade de Tubarão. Rapidamente, ela pegou seus filhos, e veio para perto de seu irmão. Segundo Gilvania, no ano de 1994 o irmão a resgatou.

Imagem 13 – Everton e sua irmã Gilvania



Fonte: Facebook do Everton Moraes.2017

A irmã afirma que eles eram tão conectados, que através de um olhar ela já sabia o que ele queria. Ele entregava o vestido pronto para a irmã e nem explicava como desejava o bordado, porém ela já entendia. Ao final, ele declarava que era isso mesmo o que esperava. Gilvania conta que, por alguns momentos, Everton ficava estressado, e acabava por descontar nela, mas logo em seguida a abraçava e beijava, pedindo desculpas.

A irmã lembra que eles sempre saíam juntos, adorava comer cachorro quente, passear no shopping, ou ir a barzinhos. Ainda diz que eles sempre declaravam seu amor um pelo outro. Everton sempre falava: *eu preciso de ti minha irmã*. Ela retrucava: *não, eu que preciso de ti*.

A irmã Gilvania Moraes relata que além de ser reservado, mesmo com todo seu talento, Everton nunca quis ser melhor do que ninguém, confirmando que era uma pessoa muito simples. A irmã afirma que ele sempre se dava bem com todos, pobres ou ricos, e respeitava todas as crenças. A irmã ressalta que os parentes, juntamente com os funcionários, eram, para ele, uma grande família.

### 2.6.3 Gilvete Moraes

Gilvete Moraes é irmã do meio de Everton, com 5 anos de diferença, conforme já mencionado. Afirmo que após a separação dos irmãos, na infância, ficaram por muito tempo afastados. Só se reencontraram mais tarde.

Imagem 14 – Gilvete e Everton



Fonte: Gilvete Moraes – arquivo pessoal, 2017

Ela conta que Everton nunca pensou em si, somente em sua família, e sempre honrou sua mãe. Era uma pessoa que amava a todos, independente de fazerem o bem ou mal a ele. Mesmo assim os ajudava. A irmã declara que ele era *um ser tão bom e iluminado*. Everton, segundo ela, sempre foi o mantenedor da família.

Gilvete conta que sua conexão com o irmão era muito forte. Era um amor gigante, que ela não consegue entender. Ela lembra ainda que ele sempre assoviava na janela pela manhã, chamando a irmã para tomar café, juntamente com sua irmã Gilvania e suas funcionárias, pois ele nunca gostou de tomar café sozinho.

A irmã afirma que Everton não era perfeito, por se tratar de um ser humano, mas que doou sua vida para a família, escolhendo sempre dizer sim, e nunca o não. Dessa forma, nunca construiu nada para si. Essa foi uma escolha dele. Gilvete conta que Everton sobrecarregou-se tanto, que seu coração não aguentou, indo embora muito cedo.

Hoje, após um ano de sua morte, a irmã chora de saudade, e às vezes se pega rindo ao lembrar o irmão, dos momentos que passaram juntos e de algumas situações engraçadas. Entretanto, às vezes se entristece ao lembrar situações que viu Everton passar, com pessoas que lhe fizeram mal e o deixaram, muitas vezes, sem chão. Ela via que ele sempre optava em se calar e deixar aquela situação sem ser resolvida, por ter *um coração gigante*.

#### 2.6.4 Bernardina de Medeiros Zamparetti

Bernardina de Medeiros Zamparetti, mais conhecida como Dinha, costureira do Everton, conforme já mencionado, relatou que conheceu Everton através de sua irmã, no ano de 1994, quando ele trabalhava nas Casas Nandi, como estilista.

Já em 2004, após aproximadamente 10 anos sem trabalhar para o estilista, a costureira o encontrou caminhando próximo ao seu ateliê. Ele fez a proposta novamente, insistindo para que fosse trabalhar com ele. Desta vez, ela aceitou o convite.

Segundo Bernardina, ela amava trabalhar com ele e admirava seu trabalho. Para ela, além de um grande estilista, era um excelente cozinheiro. As festas que proporcionava aos funcionários, como aniversários, final de ano, eram sempre muito alegres.

Everton nunca misturou sua vida pessoal com a profissional. Tratava sempre suas costureiras com dignidade e respeito, valorizando o seu serviço, com elogios, de acordo com a entrevistada. Era um prazer para ele mostrar para suas clientes a funcionária que confeccionou o vestido, como forma de demonstrar o quanto sua equipe era boa. Além disso, era muito justo, pagando um ótimo salário aos funcionários.

A costureira aceitou trabalhar com Everton, desde que pudesse ficar fora 2 (dois) meses durante o ano. Assim ela trabalhava de março a dezembro, para aproveitar o verão na praia, sendo que muitas vezes foram juntos, pois tinham um ao outro como família. Por vezes *brigavam*, segundo ela, mas não dava muito tempo para pedirem desculpas um ao outro.

Em muitos momentos viu a família de Everton pedindo algo a ele, sendo que nunca o viu negar algo. Afirma que a cada sobrinha que vinha a engravidar, ele acompanhava e dava de tudo a elas. Muitas vezes, Dinha brigava com ele, afirmando que ser bom demais com a família poderia um dia prejudicá-lo. Entretanto, Everton não a escutava, pois tinha um coração enorme.

Everton era muito caprichoso com suas coisas e cobrava isso das pessoas ao seu redor. A amiga e costureira lembra de algumas vezes que as funcionárias chegavam em dias de chuva, com os pés sujos, e ele se enfurecia com a situação. Dinha, costureira e amiga, finalizou com a seguinte expressão: *saudade*.

Imagem 15 – Everton e suas costureiras



Fonte: Facebook de Everton Moraes, 2017

### 2.6.5 Arlan Bittencourt Alves

Arlan Bittencourt Alves, colunista social, embaixador da paz e presidente da Associação Brasileira de Coberturas Sociais e Mídias Sociais, conheceu Everton no ano de 1989, quando o primeiro possuía apenas 11 anos e o estilista 16 anos. Arlan foi comprar tecidos com sua mãe, quando foi atendida pelo estilista, que desenhou para ela.

Posteriormente a esse fato, Arlan encontrou Everton muitas vezes caminhando na avenida Beira Rio da cidade de Tubarão. Sempre muito bem vestido, usando terno e um guarda-chuva clássico. O colunista relata que brincava com Everton sobre sua sexualidade, questionando-o se era gay.

Após alguns anos, em 1992, tornaram-se grandes amigos, sempre conversando sobre seus trabalhos. Arlan comenta que Everton sentia muita saudade da cidade de Curitiba, onde morou e fez curso no Senac.

Segundo Arlan, Everton era muito humano, sempre valorizando as pessoas humildes e carentes, procurando cobrar o mínimo que pudesse para poder ajudá-las. Além disso, ele valorizava a mão de obra da cidade, proporcionando muitos empregos para as costureiras e bordadeiras de Tubarão.

Everton era muito dedicado ao trabalho, sendo que trabalhava de segunda a sábado, das 08 horas da manhã às 22 horas da noite. Após esse horário, ainda limpava o ateliê, e convidava seu amigo Arlan para saírem. Sempre que saíam, *Everton era muito discreto*, de acordo com Arlan.

Em relação à sua família, Everton sempre a ajudou, em especial a sua mãe, segundo Arlan. Ele era um filho muito apegado, tanto que quando era convidado para viajar nas festas de final do ano, sempre recusava, pois não queria ficar longe de seus familiares. Ele também tinha muito orgulho por ter desenhado e confeccionado o vestido de noiva da sua irmã Gilvete.

Arlan lembra que Everton sempre o vestia em todos os eventos que ele frequentava, com seus ternos e fraques, e confeccionava roupas para sua família. *Tinha muito orgulho de tê-lo como um amigo e irmão*, relata.

Imagem 16 – Everton Moraes e Arlan Alves



Fonte: Carlos Alves Photography.2016

### 2.6.6 Neide Bini

Neide Bini, amiga de Everton e colunista, conheceu o estilista no ano de 2008, através de Arlan Alves, que na época era seu namorado. A amiga relata que Everton a chamava entre 6h30 e 7h00 da noite, quando suas funcionárias saíam, pois não gostava de se sentir só e tinha alguns problemas de relacionamento com sua própria família. Muitas vezes queria desabafar e confiava em sua amiga para contar tudo sobre sua vida. Levaram anos de amizade e cumplicidade.

Imagem 17 – Everton e Neide Bini



Fonte: Neide Bini – arquivo pessoal,2017

Neide relata que em seu primeiro ano de colonismo, homenageou Everton, em um evento que trouxe Simar Vieira e FÁ Morena, da Rede TV. Nesse evento, o estilista fez um desfile. Ela e Arlan Alves sempre homenageavam seu amigo Everton Moraes em seus eventos.

Um dia sentaram os três amigos, Neide, Arlan e Everton, e começaram a planejar uma viagem a Paris. Entretanto nunca chegaram a concluir seus planos. Após isso, Neide terminou seu namoro com Arlan, mas ainda continuou seus planos de viagem, dessa vez somente com Everton. Ela sempre dormia na casa do amigo Everton, e eles riam muito, planejando ir para Paris somente com uma muda de roupa e quando chegassem lá, comprariam tudo da *Louis Vuitton*.

Uma outra paixão de Everton era cozinhar. Neide adorava almoçar e jantar com ele. Por vezes eles saiam para comer cachorro quente, pizza, ou ha algum restaurante. Os dois sempre estavam juntos, em cafés coloniais, jantares e outros eventos da cidade.

Everton tinha as funcionárias como uma grande família, mas reclamava que não era feliz, que faltava alguma coisa. Ele sempre morou em seu ateliê e sua cozinha era a mesma que suas funcionárias utilizavam. *Todos os dias, quando elas chegavam para trabalhar, encontravam uma mesa posta por ele, com um grande café da manhã, e ainda fazia questão de fazer o almoço e sentarem todos juntos, tanto seus familiares quanto seus funcionários, ela conta. Segundo Neide, ele amava ver todos como uma grande família.*

Quando dava 6h30, no momento em que os funcionários iam para casa, Everton chamava a amiga para fazer companhia, assim como ajudá-lo a atender suas clientes que vinham após o horário. Segundo Neide, Everton afirmava que *todo estilista precisava ter uma madame ao seu lado*. Neide afirma ainda que ficavam até tarde rindo, chorando, e cada um contando de suas vidas. Ela diz que sente muita falta dele, e que se orgulhava muito do seu talento e da sua amizade.

### 2.6.7 Adriano Stockler

Adriano Stockler, estilista, já trabalhava na cidade, quando, no ano de 1990, Everton Moraes retornou a Tubarão, dizendo que iria tomar o seu lugar como estilista. Assim, já se conheceram com uma rivalidade.

Adriano declara que achava Everton uma ótima pessoa. Entretanto, como profissional, acreditava faltar alguma coisa. Uma de suas costureiras lhe contou que Everton não sabia costurar e nem bordar, somente desenhava.

Naquela época, segundo ele, não existiam grandes cursos de moda. Entretanto, Adriano havia realizado alguns cursos renomados em São Paulo, como curso de criação de coleção, modelagem industrial e *moulage*, com Jeanini Dior, e trabalhou com Clodovil Hernandes. Por esse motivo, existia a rivalidade entre eles, sobre um saber mais que o outro, pelo fato de Everton ter realizado apenas cursos básicos em Curitiba.

Alário (2007) ressalta a concorrência que havia entre os estilistas brasileiros, levando-os à especialização:

Concorrentes entre si, [...] os profissionais de Moda brasileiros possuem, principalmente após a década de noventa, formação universitária, sendo que alguns deles integram uma corporação de artesãos de luxo internacional, importante espaço de concorrência econômica e simbólica.

Mesmo com essa rivalidade, Adriano e Everton precisavam manter a aparência de bons amigos perante a sociedade tubaronense, por conta do mercado de trabalho, pois na época eram somente os dois estilistas na cidade. Adriano afirma que eles não queriam perder a simpatia dos clientes, e por isso tentavam aparentar que eram os melhores, mais amorosos e queridos amigos.

Adriano conta que não tinha uma amizade com Everton, porque este não dava abertura para que isso acontecesse. Ele afirma que Everton sempre buscava saber se Adriano estava sendo procurado por muitas clientes, se possuía uma grande demanda de serviço, sempre

como um rival, e isso estressava muito Adriano. Mas afirma que tentou, por muitas vezes, amizade com Everton, porém nunca conseguiu.

Algum tempo depois, Adriano Stockler declara que foi embora da cidade de Tubarão para seguir sua carreira de estilista em outra cidade, deixando Everton Moraes como o único estilista da cidade. Adriano diz que Everton começou a trabalhar em seu lugar e conseguiu alcançar todas as clientes que eram dele.

### **2.6.8 Teresinha Antunes de Souza**

A costureira Teresinha Antunes de Souza, a Nena, como é chamada, conheceu Everton nos anos 1990 nas lojas de Tubarão, onde ele trabalhava como estilista. Quando Everton montou seu ateliê, ele a descobriu e correu para convidá-la para trabalhar com ele. Nena estava separada e desempregada, aos seus 52 anos, quando resolveu trabalhar fora. Acabou trabalhando com ele por 18 anos, conforme já citado.

Nena considerava Everton como um filho, trabalhando com ele até completar seus 70 anos. Em todas as festas de fim de ano e aniversário dele, ela estava lá com ele. Sente muita falta de Everton. Relata que tinha muita pena dele quando todos iam embora e ele ficava sozinho após o trabalho.

No começo ele fazia muitos desfiles e alguns ela até participou, mas não ia muito, pois era muito simples e eram para as pessoas mais ricas da cidade, suas clientes eram esposas de grandes empresários da cidade.

Ele era muito lindo e charmoso, chamando atenção por onde passava com seus 1,95 de altura, loiro e com seus olhos azuis. Ela achava ele como um artista, um mestre no que fazia. Na sua sexualidade ele era discreto e reservado. Era muito querido por todos.

Ela finaliza dizendo que sente muita saudade e agradecendo por ter passado os últimos melhores anos da vida dela convivendo com uma grande pessoa, que amava como uma mãe ama um filho.

### **2.6.9 Thaise da Cunha de Sousa Schneider**

Thaise, cliente e amiga de Everton, conta que conheceu o estilista quando foi fazer o vestido da sua mãe para o seu casamento. Afirma que ele tinha sido indicado por uma tia do seu pai. Thaise já tinha alugado seu vestido de noiva. Quando chegaram lá para perguntar se ele faria o vestido da mãe, encantaram-se por ele, porque ele foi realmente um anjo, e, conforme

ela, *só faltou nos levar no colo*. Ela lembra que Everton a chamava de minha bonequinha, desde o primeiro dia que a viu.

Ele fez o vestido da mãe, Viviane, do jeitinho que ela tinha pedido, sendo que, segundo Thaise, ela é bem exigente e ele conseguiu acertar em cheio. Do mesmo modo, fez a roupa do seu pai, Gilmar, mas vivia dizendo que queria fazer o vestido de Thaise e a roupa do seu marido, noivo na época. Por fim, ele reduziu o valor de um vestido curto por ter gostado tanto de Thaise e, nas palavras dele: *vai ter a minha mão no casamento dessa minha boneca*. Thaise declara que *foi o vestido curto mais lindo que eu já tinha visto na história, ele realmente brilhantava tudo que ele colocava a mão*, Everton caprichou tanto no vestido curto por que não tinha conseguido fazer o vestido longo, pois Thaise já Havia alugado em outro lugar por ainda não o ter conhecido antes.

Imagem 18 – Vestido curto para o casamento de Thaise



Fonte: Thaise da Cunha de Sousa Schneider – arquivo pessoal, 2017

Entretanto, não ficou por isso. Everton ainda arrumou a noiva no dia do seu casamento, a coroa para o seu cabelo, o brinco. Ajudou a escolher a maquiagem e penteado, arrumou seus pais e seu marido. Thaise afirma que somente utilizou o vestido que alugou, por que Everton o elogiou muito, senão teria pedido para ele fazer o seu vestido longo também.

Imagem 19 – Everton e a família de Thaise



Fonte: Thaise da Cunha de Sousa Schneider. Arquivo pessoal, 2017

Conforme Thaise, a relação com ele não era somente de cliente, eram amigos, conversavam direto, sendo que ia frequentemente ao ateliê de Everton com sua mãe e ficavam horas falando sobre diversos assuntos.

Um mês depois do seu casamento, Thaise foi madrinha de outro casamento e novamente ele vestiu sua família. Segundo ela, fizeram muita bagunça no ateliê no dia do casamento, relatando que fizeram um *book*, de tantas fotos que bateram no local.

Thaise costuma dizer para todos que ele era um anjo que Deus colocou na sua vida no momento certo, que lhe ajudou até a se acalmar em diversos momentos. *Além de um ótimo profissional, foi umas das pessoas mais carismáticas e amáveis que já conheci*, afirma ela.

## 2.7 A HOMOSSEXUALIDADE

Segundo sua mãe, Everton era homossexual. Entretanto ela nunca questionou sua sexualidade, pedindo somente ao filho que formasse uma família, dando a ela netos. A mãe conta que somente no dia da sua morte, pela manhã, ao conversar com o ele novamente sobre formar uma família e lhe dar um neto, foi que declarou claramente sua opção sexual, dizendo as seguintes palavras: *mãe, essa não é a minha praia!*

Segundo a irmã Gilvania, desde o primeiro desenho que Everton fez, ela já sabia sobre sua sexualidade, e mesmo assim o amava. Entretanto, na época não podiam falar sobre

isso. A família era contra e o irmão tinha medo. Na infância, ele colocava os vestidos da irmã para ver como ficavam, e ela o ajudava, mas tudo às escondidas. Gilvania afirma que, se os seus avós vissem, nunca iriam aceitar. Assim, sempre foi cúmplice dele. Gilvania conta que Everton passou muito trabalho nos lugares em que ia e se reunia com a família, pois precisava ter uma postura de homem, e a irmã se entristecia por isso.

Quando Everton já tinha 18 anos, a irmã Gilvania lembra que, pela primeira vez, ele se apaixonou por um menino, porém este nunca soube. Na época, jamais dois meninos poderiam ter contato físico, pois a família e a sociedade não aceitavam. Era somente se olhar e se gostar. Everton sempre foi muito reservado.

Sua irmã Gilvete relata que sempre soube sobre sua homossexualidade e sempre pensou em sua privacidade. A mesma soube pelo próprio Everton, que ele teria se apaixonado por um estilista na loja em que ele trabalhava como vendedor. Gilvete afirma que sempre o respeitou e nunca o criticou, pois o amava.

No que diz respeito ao relacionamento com meninas, a irmã Gilvania afirma que era só amizade e que nunca namorou. Um certo dia, ela o observou conversando com uma moça e ficou em dúvida se ele iria namorar esta. Ele já tinha 23 anos, e saiu com a menina para uma balada. Gilvania afirma que essa menina era apaixonada por ele, e que Everton deixou que isso acontecesse. Segundo ela, o irmão resolveu fazer uma tentativa, para ver se sua opção sexual era realmente gay ou se poderia se apaixonar por uma pessoa do sexo oposto. Entretanto, essa tentativa não deu certo.

Gilvania comenta que nunca viu seu irmão maquiado, ou com roupas femininas, tentando parecer mulher, pois era sempre muito reservado referente à sua sexualidade. Ele acreditava que tinha que ser assim, em respeito, por não ter corpo de mulher, então se vestia como homem.

Em alguns de seus desabafos com sua amiga Neide Bini, Everton contava que fazia muita coisa escondida de sua mãe, por ela não aceitar sua opção sexual. Ele relatava também que a família tinha muito ciúme quando via Everton com algum namorado. Por esse motivo, namorava escondido. A família acreditava que os namorados poderiam se aproveitar dele, diante do seu grande coração.

Conforme Bernardina, Everton falava que queria ter uma família. Ele tinha uma grande tristeza, pelo fato de a sociedade e a família terem preconceito em relação à sua sexualidade. Por algumas vezes, ele falava que gostaria de ter nascido homem, para ter uma esposa, ou ter nascido mulher, para ter um marido, pois era muito triste o olhar das pessoas. Ainda, segundo a costureira, Everton se sentia muito só. Quando se apaixonava, a sociedade e

a família eram contra. Ele não se sentia bem com isso. Dessa forma, o estilista preferia ficar na sua tristeza, para não ser contrário ao pensamento das pessoas a sua volta.

Everton era muito preocupado com as outras pessoas e pouco consigo mesmo. Ele afirmava que se tivesse encontrado um companheiro, teria sido mais fácil esquecer um pouco os outros, e pensar em si, realizando seus sonhos, como o de viajar para Paris e ser um grande estilista.

## 2.8 OS SONHOS

O sonho de Everton, segundo Arlan Alves, era ir até São Paulo, especificamente na Rua Oscar Freire, comprar roupas de grife e se mudar para Paris, e lá montar uma Maison e fazer um desfile para a sociedade francesa.

A amiga Neide Bini relata também que por vezes o estilista teve vontade de ir a São Paulo, para se atualizar e comprar tecidos diferentes. Porém nunca tinha dinheiro para ir, pois estava sempre ajudando a família. Ele nunca teve sua casa própria e nem automóvel, sempre pensando em primeiro lugar na sua família, realizando o sonho de sua mãe ao ter uma casa própria.

Um outro sonho do estilista era montar uma Maison na cidade de Tubarão, com sua amiga Neide Bini, pois achava ela uma grande madame. *Nessa Maison, ele pretendia alcançar mulheres mais clássicas, como as evangélicas ou católicas, confeccionando terninhos e vestidos, e também vestidos de noivas e de festas, sob medida, revela Neide.*

Segundo a costureira Nena, Everton tinha o sonho de abrir seu ateliê em sua casa, a conhecida *Casa Azul*, a casa de sua irmã Gilvete. Entretanto, ela, que o conhecia muito, falava: *Everton, não vá para lá, você pode se arrepender.* Parecia que estava prevendo que ele iria ficar pouco tempo nela.

Imagem 20 – Casa Azul



Fonte: Gilvete Moraes – arquivo pessoal, 2017

A irmã Gilvete confirma que seu grande sonho era ter seu ateliê em sua casa, conhecida como Casa Azul. Gostaria que chamasse *O casarão das noivas*. Em suas conversas, relata a irmã, ele afirmava: *Um dia, minha irmã, vamos estar velhinhos, descendo as escadarias dessa casa, eu com uma coleção de vestidos lindos, e você com seus sapatos personalizados, e esses galpões estarão cheios de tecidos finos e rendas importadas, e com muitos funcionários.*

Segundo a irmã Gilvania, Everton tinha o desejo de ter uma casa própria, com um terreno grande, e seu ateliê na frente, para quando terminasse o horário de trabalho ele fosse para casa descansar e cozinhar em uma linda cozinha, pois sempre morou dentro de seu ateliê.

Segundo Arlan Alves, o seu sonho de montar uma Maison na casa de sua irmã Gilvete, a *Casa Azul*, acabou se realizando em seus últimos meses de vida.

Imagem 21 – Ateliê Everton Moraes: Sala de atendimento



Fonte: Facebook de Everton Moraes, 2017

Imagem 22 – Ateliê Everton Moraes: Sala de corte, costura e bordado



Fonte: Facebook de Everton Moraes, 2017

## 2.9 O FIM

Everton faleceu em 26 de junho de 2016, aos 43 anos de idade, sendo encontrado morto em sua própria residência e ateliê, em razão de uma isquemia cardíaca. Segundo a irmã Gilvete, quatro dias antes do ocorrido, em uma quarta-feira, viu Everton com o semblante diferente, abatido, e ele deu um abraço nela *bem gostoso*, de acordo com suas palavras. Nesse dia, ela foi com ele ao ateliê, quando discutiram e Everton declarou: *Não me incomoda! Tu não sabe o quanto estou doente!* No mesmo dia, o esposo de Gilvete foi até o ateliê, a fim de aconselhar Everton a procurar um médico, pois ele se encontrava fraco, sem ao menos conseguir subir as escadas do ateliê. Segundo a irmã, Everton concordou com o cunhado, afirmando que procuraria um médico. Entretanto, não deu tempo.

Conforme relatos de Gilvania, dois dias antes da morte de Everton, em uma sexta-feira à noite, os dois saíram sozinhos para comer cachorro quente. Olharam um para o outro e começaram a pedir desculpas, como se estivessem se despedindo e acertando as contas. No sábado, trabalharam juntos o dia todo e ainda saíram à noite para passear com a irmã, as sobrinhas e seus filhos, os quais ele considerava como seus netos.

A mãe relata que no dia anterior à sua morte, Everton estava muito brincalhão, convidando-a para ir ao shopping. Entretanto a mãe não quis ir, ele foi então com seus irmãos e sobrinhos, chegando somente de madrugada.

Na manhã seguinte, no dia de sua morte, conforme relato da mãe, ela o buscou para um churrasco na casa de seu irmão de criação. Nesse dia, ela declarou que nunca o viu tão bonito e sorridente. Everton vestia um terno preto, com um xale envolto no pescoço. A mesma ainda brincou, perguntando: *quer casar comigo?* Riram muito.

Nesse dia, Everton insistiu em devolver um valor que havia pedido emprestado para a mãe, como se pressentisse que algo iria acontecer. Ainda nesse mesmo dia, a mãe passou mal, sendo levada para o hospital com muitas dores no peito e a pressão alta, ficando internada. Ficou sabendo da morte de seu filho somente no dia seguinte, no hospital, através da filha mais nova.

Nesse mesmo dia, pela manhã, segundo a irmã Gilvania, Everton ligou para ela, como de costume, convidando-a para irem ao supermercado. A irmã diz que percebeu que ele estava muito lindo e seu olhar estava diferente.

Assim como Everton, Gianni Versace, um estilista muito conceituado nos anos 70 e 80, morreu muito cedo, aos seus 50 anos de idade, em uma morte trágica, causada por um assassino, tendo a empresa continuado por parte de sua irmã Donatella Versace, que assumiu a direção criativa da corporação atenuando em um estilo mais sensual, ao em vez dos modelos glamourosos criados por seu antecessor (MARTIN, 1999). Isso não aconteceu com Everton, que não deixou sucessores.

Nesse sentido, as irmãs de Everton disseram que têm o desejo de dar continuidade com o trabalho dele. Gilvania afirma que está tudo em sua cabeça, como se ele estivesse por perto, pois foi muito tempo de convivência e aprendizado. A irmã afirma que sente muita falta do irmão, dizendo que seu amor por ele não tem explicação.

Imagem 23 – Everton Moraes com seus vestidos de noiva



Fonte: Facebook de Everton Moraes, 2017

### 3 CONCLUSÃO

O objetivo geral da presente pesquisa era levantar a história de vida do estilista Everton Moraes, sendo atingido ao longo da pesquisa. Everton Moraes teve uma infância muito difícil, sendo deixado por seus pais quando novo para morar com seus avós, como vimos ao longo do trabalho. Desde pequeno já trabalhava com o serviço pesado, juntamente com seu avô.

Resumindo, aos oito anos, quando voltou a morar com sua mãe, começou a demonstrar seu interesse pela moda, onde já começou a rabiscar seus primeiros croquis. Iniciou a trabalhar cedo, sendo que em seus 14 anos já atuava como vendedor de tecidos. Posteriormente, aos 17 anos, após a realização de alguns cursos de desenho de moda, iniciou o trabalho como estilista profissional. Somente no ano de 2008 que Everton abriu seu próprio ateliê, conforme abordado na pesquisa.

O objetivo específico da pesquisa de verificar se o estilista estudou para aprender a arte ou nasceu com o talento foi atingido, chegando-se à conclusão, a partir dos depoimentos de familiares, funcionárias e amigos entrevistados, que o talento do estilista era uma aptidão natural, na medida em que ainda criança já se interessava por moda e desenho de moda. Conforme Marques (2017) explicou, talento trata-se de uma aptidão natural ou adquirida, podendo ser desenvolvido ou aperfeiçoado. Observa-se que Everton nasceu com essa predisposição espontânea para o mundo da moda. O autor ainda destaca que a pessoa tem de ter muita perseverança, disciplina e aprimorando. Isso se pode observar que Everton tinha esses atributos e que buscava novos conhecimentos ao realizar alguns cursos, que somente aperfeiçoaram seu talento. Através dos relatos de familiares, amigos e clientes do estilista, observou-se que todos chegaram a mesma conclusão: que Everton era autodidata, tendo nascido com o talento.

Ressalta-se que a técnica empregada como método da pesquisa qualitativa, a história vida, tem sua importância ao levantar a história oral de um estilista conhecido em Tubarão e região. Ao realizar esse levantamento, que não se esgota neste trabalho, pois ele pode ser ampliado em outras pesquisas, e até mesmo transformando em livro, um projeto que esta pesquisadora pretende abraçar, sendo que este é um primeiro passo. Sabemos que esta técnica da história de vida tem sua subjetividade, pois depende da memória e da visão dos entrevistados, como destaca Portelli (1997), que diz ainda que a história oral trata de significados, mais de que eventos.

Diante disso, a pesquisa tem sua importância em razão de o estilista Everton ter sido fonte de inspiração da pesquisadora, que o admirava como pessoa e como um grande

profissional, despertando o desejo da mesma em se tornar uma estilista. Para tanto, está concluindo a faculdade de moda, para seguir seus passos, com seu próprio ateliê de costura.

## REFERÊNCIAS

ALÁRIO, Mônica Ágda de Souza. **Os estilistas e a produção de moda**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Orientador: Eliana Maria de Melo Souza. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp038292.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

ALVES, Arlan Bittencourt. Entrevista concedida em 05 de setembro de 2017.

BINI, Neide. Entrevista concedida em 31 de agosto de 2017.

HAHN, Ana Karina. **Lenzi – 50 anos de moda**. Unesc: 2010. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/modabrasil/sc\\_link/lenzi/index.htm](http://www2.uol.com.br/modabrasil/sc_link/lenzi/index.htm)>. Acesso em: 30 nov. 2017.

HOUDELIER, Cláudia. **História dos Bordados**. 2017. Disponível em: <<http://houdelier.com/paginas/bordadoshistoria.html>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

GRAGNATO, Luciana. **O desenho no design de moda**. Orientador: Gisela Belluzzo de Campos. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp129775.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

FEIJÓ, Bruno Vieira. **Para que serve um desfile de moda?** Super interessante: 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/para-que-serve-um-desfile-de-moda/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

MARTIN, Richard. **Versace**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. Editora Assouline. São Paulo: 1999.

MARQUES, Roberto José. **Aprenda a diferença entre dom e talento**. Blog: 2017. Disponível em: <<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/diferenca-entre-dom-e-talento/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

MORAES, Maria Salete. Entrevista concedida em 10 de setembro de 2017.

MORAES, Gilvania. Entrevista concedida em 12 de setembro de 2017.

MORAES, Gilvete. Entrevista concedida em 10 de outubro de 2017.

MORRIS, Bernadine Valentino. **Valentino**. Tradução: Júlia de Mello e Souza e Rita Narciso Kawamata. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000. 80 p.

MOURA, Catarina. **Como nasceram os desfiles de moda: uma história de sedução**. Observador: 2017. Disponível em: <<http://observador.pt/especiais/como-nasceram-os-desfiles-de-moda-uma-historia-de-seducao/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

PALOMO-LOVINSKI, Noel. **Os estilistas de moda mais influentes do mundo**. [Tradução Rodigo Popotic]. Barueri/SP: Girassol, 2010.

POCHNA, Marie-France. **Dior**. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000. 80 p.

PORTELLI, Alessandro. **A história oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 1997.

PUTTI, Tatiana. **Qual a diferença entre estilista e modelista?** Senac: 2017. Disponível em: <<http://www.blogsenacsp.com.br/diferenca-estilista-e-modelista/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

SCHNEIDER, Thaise da Cunha de Sousa. Entrevista concedida dia 18 de outubro de 2017.

SOUZA, Terezinha Antunes de. Entrevista concedida dia 20 de outubro de 2017.

SOZZANI, Franca. **Dolce & Gabbana**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

STOCKLER, Adriano. Entrevista concedida dia 31 de agosto de 2017.

ZAMPARETTI, Bernardina de Medeiros. Entrevista concedida dia 15 de setembro de 2017.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA  
RIUNI- Repositório Institucional Unisul

**Termo de Autorização para submissão de TCC no RIUNI**

Eu, Quízia Farias Bertotti  
CPF 55202579934, autorizo UNISUL  
CPF \_\_\_\_\_ a incluir o documento (título)

também de minha autoria no Repositório Institucional da Unisul conforme licença pública Creative Commons por nós estabelecida e declaro que me responsabilizo pelo conteúdo da obra objeto desta autorização, sendo também de minha responsabilidade quaisquer medidas judiciais ou extrajudiciais concernentes ao conteúdo.

Assinatura

Quízia Farias Bertotti

Tubarão, 13 de dezembro de 2017.